

## PERIPATÉTICO

Por Carol Lucena

### *Juventude, sonhos, e a realidade racista brasileira*

O premiado curta-metragem da diretora Jessica Queiroz conta a história de três jovens que buscam se preparar para o futuro profissional. Simone procura um emprego, Thiana estuda dedicadamente para passar no vestibular de medicina, e Michel passa as tardes jogando videogame enquanto não consegue decidir o que fazer da vida.

O roteiro afiado e cheio de frases certeiras é uma das maiores qualidades, ajudado pela poderosa narração da atriz Larissa Noel. O filme introduz de forma lúdica diversos temas, desde uma reflexão geracional em relação ao trabalho, até a desigualdade social e a violência policial.

"Todo mundo esperava grandes coisas da minha geração, tão livre. A primeira criada na frente da televisão, a primeira a ter computador, a primeira a dançar o tchan. E a gente só queria saber quem eram os 150 pokemons."

*Peripatético* ilustra a desilusão da geração que, mais do que qualquer outra, cresceu ouvindo que deveria trabalhar no que amava, e como reage ao encontrar o duro e injusto mercado de trabalho, os entraves do vestibular, ou a angústia de não saber sequer que rumo tomar. A comparação do vestibular com uma natação, onde cada competidor tem habilidades distintas ou às vezes até inadequadas para o nado, é uma das cenas mais brilhantes. Não importa quem você seja, nesse sistema você terá que passar por esse teste estreito e limitado para conseguir ser alguém na vida.

Há também o recorte que mostra como a realidade é muito mais dura para jovens negros. Jessica situa o filme em 2006, na época dos crimes de maio em São Paulo. E também dedica o curta ao movimento Mães de Maio, que visa combater o assassinato policial nas periferias. O massacre, que ocorreu nesse período no estado de São Paulo, foi apenas uma amplificação do que acontece todos os dias em todo o Brasil. Para o jovem negro, o perigo de morrer nas mãos do Estado é ainda mais um obstáculo para seu futuro.

*Peripatético* nos coloca todas essas questões. Quantos profissionais brilhantes estão sendo impedidos de se formar por não ter oportunidade de chegar à faculdade? Quantos, além da vítima, tem seu caminho também interrompido com essa morte? Como bem vimos no documentário *Mataram Nossos Filhos*, de Susanna Lira, famílias inteiras são despedaçadas com um crime desse. Como *Peripatético* novamente nos lembra:

"Quando alguém toma um tiro, todo mundo ao redor dessa pessoa toma um tiro junto".

Jessica Queiroz nos mostra, com seu filme, que a construção do futuro pessoal também é coletiva, ao contrário do que o contemporâneo discurso meritocrático nos diz. O que você será tem muito a ver com quem você é, de onde você veio, e como os outros o veem. Os protagonistas têm consciência disso, e o filme se recusa a romantizar o sofrimento como

meio de ascensão mesmo quando cita os múltiplos empregos simultâneos que os pais deles tiveram para dar sustento a eles.

A forma lúdica, embalada numa refinada técnica, com montagem rápida, animações e troca de cenários, é usada como protesto. Uma forma de lidar com o tema da violência sem fetichizá-la, como é tão comum acontecer. É uma alegria que filmes como esse estejam tendo mais espaço nos festivais nacionais, que infelizmente, assim como a elite brasileira, continuam muito racistas. É maravilhoso que diretoras negras estejam conquistando espaço para falar de seus filmes e que o público esteja vendo essas representações na tela. Se o cinema brasileiro continuar assim, temos muitos motivos para nos orgulhar. Precisamos dar espaço e incentivo para que floresça, e, principalmente, combater o desmonte atual que está na pauta do poder público.

*Crítica originalmente publicada no site [Cine Medusa](#).*